



ARTIGOS

***DIFERENÇAS INDIVIDUAIS EM AQUISIÇÃO  
DE LINGUAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES NA  
PRÁTICA FONOAUDIOLÓGICA***

*Simone Rocha de Vasconcellos Hage\**

Os estudos sobre o processo de aquisição de linguagem em crianças normais são de grande interesse à fonoaudiologia, pois é a partir deles que caracterizam-se os atrasos ou distúrbios de linguagem de qualquer natureza. O esclarecimento de fatores determinantes nesse processo tem sido uma preocupação dos psicolingüistas e também, mais recentemente, dos fonoaudiólogos, pois especificamente no caso destes o conhecimento de tais fatores contribui tanto no esclarecimento do diagnóstico como no direcionamento do processo terapêutico em linguagem.

Os estudos psicolingüísticos e a própria prática fonoaudiológica sempre apontaram evidências para diferenças na época de aparecimento da linguagem, ou seja, não há dúvidas de que existe uma variação no ritmo em que as crianças adquirem linguagem, sem que essa variação possa ser considerada patológica. Medidas foram elaboradas para caracterizar estágios de linguagem pelo aumento da complexidade sintática evidenciando uma variação no ritmo, porém uma estabilidade no curso do desenvolvimento. Uma das medidas mais conhecidas é o *Mean Length of*

---

\* Fonoaudióloga clínica. Professora assistente na área de aquisição e avaliação de linguagem na USC de Bauru. Professora convidada na área de aquisição de linguagem e diagnóstico na USP de Bauru. Mestranda no Instituto de Estudos de Linguagem - UNICAMP.

*Utterance* (MLU) proposto por Brown (1973), na qual mede-se a extensão dos enunciados pelo número de morfemas utilizados pelas crianças. Todas as tentativas de se caracterizar a presença de estágios progressivos no desenvolvimento da linguagem confirmam a existência de uma variação no ritmo e procuram demonstrar que, apesar da variação na idade, há uma regularidade na ordem das aquisições.

Os estudos mais recentes em aquisição de linguagem têm desmistificado essa idéia, apresentando pesquisas que demonstram a existência de variação tanto no ritmo como no curso dessa aquisição, sem que essa variação entre na dimensão da patologia.

### **Estudos Sobre Diferenças nas Rotas para a Aquisição de Linguagem**

O primeiro pesquisador a apontar diferenças nas rotas para a aquisição da linguagem foi Nelson (1973 e 1981). Ele fez um acompanhamento longitudinal de oito crianças por mais de um ano e levantou diferenças significativas em suas primeiras cinqüenta emissões. Essas diferenças apontam para dois estilos: crianças com um estilo inicial no uso da linguagem caracterizado como *referencial* e crianças com um estilo inicial no uso da linguagem caracterizado como *expressivo*. Crianças referenciais tinham em seu vocabulário basicamente nomes de objetos, pessoas ou animais. Já as crianças ditas expressivas tinham em maior quantidade no seu vocabulário básico expressões sociais e verbos, ou seja, emissões que contribuem nas relações interpessoais, por exemplo: [du'bo] - tudo bem; ['vêy] - vem; ['da] - dá; [bo'di] - bom dia e outros. Peters (1977) também aponta evidências para estilos diferentes no domínio sobre a linguagem - analítico e gestáltico - que correspondem, respectivamente, aos estilos referencial e expressivo.

Essas diferenças nas rotas são observadas nos diversos aspectos lingüísticos: lexical, gramatical, pragmático e fonológico. Bates e col. (1988) elaboraram um quadro demonstrativo a partir da literatura disponí-

vel sobre o tema, a respeito da existência de dois extremos no desenvolvimento da linguagem que refletem-se nos aspectos acima citados, dos quais aponto alguns (Quadro I).

Quadro I - Diferenças no estilo da aquisição da linguagem.

	Extremo A	Extremo B
<b>Aspectos Lexicais</b> Peters (1983) Wells (1986)	. alta proporção de nomes nas primeiras 50 palavras . primeiras unidades: palavras isoladas . menor uso de palavras idiossincráticas	. baixa proporção de nomes . primeiras unidades: fala formulaica . maior uso de palavras idiossincráticas
<b>Aspectos Gramaticais</b> Nelson (1973) Ferguson e Farwell (1975)	. consistência na aplicação de regras gramaticais . imita tanto quanto se utiliza da fala espontânea . uso maior de nomes	. inconsistência . imita mais do que se utiliza da fala espontânea . uso maior de verbos
<b>Aspectos Pragmáticos</b> Nelson (1973) Wells (1986)	. uso maior de declarativos . uso da fala orientada para os objetos	. uso maior de imperativos . uso da fala orientada para pessoas
<b>Aspectos Fonológicos</b> Peters (1977) Ferguson e Farwell (1975)	. tem uma fala mais inteligível em termos articulatórios, mas menos expressiva em termos entonacionais . consistência na articulação dos sons	. tem uma fala mais expressiva em termos entonacionais, mas menos inteligível em termos articulatórios . inconsistência na articulação dos sons (sem representar um atraso na aquisição fonológica)

Dentre as características descritas, há duas que quero salientar por interessarem particularmente ao fonoaudiólogo em suas atividades clínicas.

Uma delas refere-se à extensão das primeiras unidades, entendidas como as formulações iniciais produzidas pelas crianças no processo de aquisição de linguagem. As palavras isoladas são consideradas pelo fonoaudiólogo um marco inicial para o aparecimento da estrutura lingüística. Entretanto, os últimos estudos na área de aquisição têm apresentado evidências de que essas primeiras emissões podem ter uma 'extensão maior' que uma palavra. De acordo com Peters (1983) as crianças podem apresentar como primeiras unidades a fala formulaica. Essas emissões são autênticas frases que quando produzidas 'em bloco' (em função das reduções fonológicas e do contorno entonacional) tomam o aspecto de uma unidade. Vejamos alguns exemplos: [day'açi] para "dá o chocolate"; [igf-zãw] para "liga a televisão"; [ko'leko'le ] para "escolher qual é" (emissão usada por uma criança para pedir um brinquedo no armário). Esse tipo de produção não pode ser confundido com holofrase, que significa a emissão de uma única palavra com o valor de uma frase (exemplo: ['boa] para "bola", dando a entender ao outro: "cadê a bola?" ou "me dá a bola").

Muitas crianças, portanto, têm como primeiras unidades a fala formulaica, antes mesmo da palavra isolada. Assim, o chamado estágio de uma palavra descrito por Brown (1973) e usado, muitas vezes, como marco pelo fonoaudiólogo para o aparecimento da fala, ficaria melhor definido como estágio de *uma unidade*. Mas o que faria algumas crianças optarem pela utilização da fala formulaica (frases feitas de uso rotineiro) como primeira unidade de suas produções e outras optarem pela utilização de palavras isoladas (normalmente nomes)? A resposta a esta pergunta está justamente em algumas explicações dadas para a existência de diferenças individuais em aquisição de linguagem, as quais serão apresentadas posteriormente.

Outra característica que ressalto do quadro demonstrativo acima é a diferença nos aspectos entonacionais e prosódicos relacionados à inteligibilidade de fala. Tanto Peters (1977) como Ferguson e Farwell

(1975) descreveram em seus estudos crianças com desenvolvimento normal de linguagem que tinham uma articulação imprecisa no período inicial de aquisição - faixa etária entre um e três anos, com variação de seis meses aproximadamente (Crystal, 1981) - e que eram compreendidas em função do contorno entonacional dado a suas emissões. Essas crianças foram classificadas como tendo um estilo expressivo, pois esse contorno entonacional envolvia segmentos fonológicos maiores que uma palavra, ou seja, frases de uso rotineiro. Em função das diferenças encontradas por diversos autores nas rotas para a aquisição de linguagem, Bates e col. (1988; p. 53) fizeram o seguinte comentário que deve ser considerado pelo fonoaudiólogo:

... os estudos sobre a aquisição de linguagem da década de 1960 deram-nos a impressão de que toda criança percorre sempre o mesmo curso de desenvolvimento: palavras, fala telegráfica para finalmente chegar à gramática. Sabemos agora este estilo é apenas parte da história. (trad. do autor)

Convém ressaltar que os dois estilos descritos no uso da linguagem nos períodos iniciais de aquisição não significam que as crianças se limitam exclusivamente a um deles, na verdade o que ocorre é o *predomínio* de um ou de outro. Inclusive a própria literatura da área vem questionando se há somente dois estilos. A meu ver, esta questão merece ser estudada mais profundamente.

### **Explicações Apontadas para as Diferenças de Estilo**

Qual é ou quais são os fatores que levam a um estilo ou outro? Na realidade, a literatura não traz explicações que dêem conta de todas as características de cada estilo.

Peters (1983), por exemplo, levantou alguns fatores que poderiam justificar a variação na extensão das primeiras unidades das crianças no nível lexical. Um desses fatores diz respeito ao tipo de interação linguística do qual a criança participa, ou ainda, as expectativas que a comunidade linguística (ou a família) tem sobre a comunicação da criança. Para dar peso a essa explicação, a autora descreveu duas pesquisas reali-

zadas em culturas diferentes com o objetivo de mostrar que as atitudes e as expectativas do meio lingüístico em que a criança se desenvolve influenciam o tipo e a extensão das primeiras unidades. A primeira pesquisa citada foi a de Schieffelin, publicada em 1979. Ela realizou um estudo na comunidade Kaluli de Nova Guiné sobre a postura e as expectativas das mães diante da fala de seus filhos. As mães dessa cultura são preocupadas com a fala de seus filhos e procuram ensiná-los a falar por instrução direta do tipo: “Fale: cavalo” ou “Sabe qual o nome disso? Bola”. As mães vêem os bebês com intenção comunicativa desde o nascimento e acreditam que eles só vão falar com ajuda, ou seja, se forem ensinados, por isso modificam a fala dirigida aos filhos, tornando-a um modelo. As primeiras unidades dessas crianças são na sua maioria palavras isoladas, geralmente nomes. Já a pesquisa de Heath, publicada em 1982, revelou que as crianças da comunidade negra de Piedmont Carolinas não são consideradas parceiras de comunicação até que tenham uma fala razoavelmente inteligível, dessa forma, as mães pouco instruem suas crianças a falar, pois acreditam que elas vão falar quando tiverem alguma coisa a dizer. Apesar da não solicitação da fala das crianças nos primeiros anos, elas estão sempre presentes quando os estudos conversam e normalmente suas primeiras produções lingüísticas são reproduções de parte das frases ouvidas, ou seja, unidades mais longas que palavras isoladas.

Um outro fator apresentado por Peters (1983) para justificar a variação na extensão das primeiras unidades diz respeito a diferenças individuais na organização cerebral, porém essas diferenças ainda estão em estudos.

Em relação à variação encontrada na inteligibilidade de fala (nível fonológico) das crianças no período inicial de aquisição de linguagem, Bates e col. (1988) apresentaram algumas explicações, sendo uma delas de ordem neurológica: as crianças com emissões entonacionalmente mais expressivas e com predomínio da fala formulaica estariam utilizando com maior ênfase o hemisfério cerebral direito, que coordena os aspectos entonacionais e prosódicos da fala; já as crianças que possuem uma articulação mais precisa e predomínio de palavras isoladas nas suas emissões

estariam utilizando com maior ênfase o hemisfério esquerdo, cujo papel é significativo no processamento analítico e seqüencial da fala. Uma outra explicação apresentada é de ordem cognitiva, na qual a diferença de estilo estaria no processo de análise da fala ouvida: algumas crianças teriam sua atenção, memória e discriminação auditiva voltadas para os segmentos da fala (palavras, sons que as constituem) e outras teriam uma percepção mais aguçada para os aspectos supra-segmentais da fala, especificamente, entonação e ritmo.

Por fim, as diferenças encontradas no nível lexical (baixa ou alta proporção de nomes) ou no nível pragmático (uso da linguagem orientado para objetos ou pessoas) são justificadas ou sob uma ótica inatista ou sob uma ótica social (Wells, 1986). Sob a primeira ótica, as diferenças encontradas são atribuídas ao estilo de aprendizagem ou à personalidade, intrínsecos à criança. Já na visão social, as diferenças são atribuídas ao tipo de interação lingüística de que a criança participa. Quando a atividade dialógica privilegia o uso referencial da linguagem (por exemplo, nomear o que se vê na rua ou num livro de figuras), pode-se estar contribuindo para um 'estilo referencial'. Por outro lado, se a maioria das situações em que a criança é solicitada a falar for aquela em que privilegia-se a comunicação interpessoal (cumprimentos, nomes de pessoas, descrição de ações - "caiu, acabou"), pode-se estar contribuindo para um estilo expressivo.

### **Implicações na Prática Fonoaudiológica**

Mas que implicações têm esses estudos na fonoaudiologia? A meu ver, muitas.

A primeira delas é quanto à concepção de que a palavra é sempre a primeira unidade de produção da criança. Os estudos de Peters (1983) e outros pesquisadores em aquisição de linguagem têm nos mostrado que realmente existe uma primeira unidade nas produções lingüísticas das crianças, mas que ela pode variar na sua extensão, ou seja, pode

ocorrer por meio de palavras isoladas ou por meio da fala formulaica, que implica uma unidade maior em termos de extensão.

O reconhecimento de variações na forma pela qual as crianças adquirem linguagem leva o fonoaudiólogo a repensar como questionar a família sobre o desenvolvimento de linguagem numa situação de entrevista. O entrevistador deve dar margem à família para relatar o tipo de rota percorrida pela criança ao invés de direcionar para o percurso tradicional (balbucio, palavras isoladas, justaposição, frases simples). Além desse percurso não ser o único, ele reflete a visão segundo a qual adquirir linguagem é somente adquirir estruturas sintáticas. Também deve fazer parte dessa entrevista perguntas sobre como a família acredita que a criança adquire linguagem, ou ainda, sobre o tipo de interação de que ele participa, já que esses fatores são apontados pelos estudos em aquisição de linguagem como influenciadores (ou até mesmo determinantes) tanto no ritmo como na rota do desenvolvimento. É claro que não descarto das entrevistas fonoaudiológicas, ainda mais aquelas que trazem queixa de linguagem, perguntas referentes a outras áreas do desenvolvimento infantil (motor, físico, psicológico e outros), porém, neste artigo, elas não estão em questão.

Além do aspecto das entrevistas que são feitas sobre o desenvolvimento de linguagem, os estudos descritos anteriormente também são importantes para repensarmos algumas estratégias utilizadas na avaliação.

Sem dúvida, a melhor maneira de se avaliar a linguagem seria aquela em que pudéssemos observá-la em diversos momentos e situações, verificando sua forma (estrutura) e usos (funções), porém isso é impraticável num processo de avaliação. Por isso, o fonoaudiólogo deve ser criterioso na escolha das estratégias para sua observação clínica a fim de evitar procedimentos avaliativos que privilegiam apenas um estilo no uso da linguagem. A utilização do popular 'álbum de figuras' para nomear e definir, por exemplo, pode negligenciar aquelas crianças que tenham um estilo expressivo nos períodos iniciais do desenvolvimento da linguagem. Os procedimentos avaliativos devem ser estruturados de tal forma que possam dar oportunidades de observação de diferentes naturezas, buscan-

do as diversas maneiras pelas quais as crianças poderão estar utilizando a linguagem.

O reconhecimento da existência de diferenças na forma de adquirir linguagem traz também algumas implicações no diagnóstico dos chamados atrasos da linguagem. O clínico, de antemão, deve ter em mente parâmetros que possam lhe dar a distinção entre 'distúrbio' e 'diferença'. Uma das formas de fazer essa distinção é justamente ter amplo domínio sobre o processo normal de aquisição, a fim de que diferenças neste processo não sejam caracterizadas como distúrbios. Existem crianças que passam praticamente todo o segundo ano de vida apresentando como forma de expressão a entonação, sem que a ausência de estruturas articuladas com significado possam representar um atraso no desenvolvimento. A normalidade dessas crianças é garantida principalmente por produções entonacionais marcadas pela significação e pela compreensão da linguagem oral.

Por último, os estudos descritos anteriormente, são importantes para o próprio processo terapêutico dos distúrbios de linguagem, já que os caminhos percorridos pelo terapeuta e pelo paciente na construção da linguagem deste são os mesmos percorridos pela criança normal. Dessa forma, a linguagem não pode ser vista como um processo a ser treinado, pois ela é a ação enquanto via de estruturação do conhecimento e de inter-relação com as pessoas.

Finalizando, quero salientar a importância desses estudos sobre o processo de aquisição de linguagem em crianças normais, principalmente para nós fonoaudiólogos que estamos envolvidos com os limites da normalidade. A caracterização de diferenças não só no que se refere ao ritmo, mas também nos caminhos para essa aquisição, é um passo a mais na compreensão desse fenômeno tão complexo que é linguagem.

## **Resumo**

*Os estudos na área de aquisição de linguagem têm apontado evidências quanto à variação não só no ritmo, mas também na rota para o domínio da linguagem, ou seja, existem diferenças lexicais, pragmáticas, fonológicas e até mesmo sintáticas nos períodos iniciais da aquisição de linguagem. Essas diferenças têm diversas implicações na prática fonoaudiológica, uma delas na área do diagnóstico, já que o reconhecimento de diferenças no processo de aquisição de linguagem leva o fonoaudiólogo a estabelecer os parâmetros entre distúrbios e diferenças caracterizadas como normais dentro desse processo.*

## **Abstract**

*The studies in the field of language acquisition have showed evidences regarding to variations not only in the rate, but also in the route to the mastering of language, that is to say, there are lexical, pragmatic, phonologic and even syntatic differences in the earliest periods of language acquisition. These differences bring several implications into the clinical practice, one of them in the diagnosis area, since the recognition of differences in the process of acquisition leads the speech language pathologist to have parameters between disorders and differences which are characterizes as normal within this process.*

### Referências Bibliográficas

- BATES, E., BRETHERTON, I. e SNYDER, L. *From first words to grammar: individual differences and dissociable mechanisms*. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- BROWN, R. *A first language: the early stages*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1973.
- CRYSTAL, D.P. *Lenguaje infantil. Aprendizaje y lingüística*. Barcelona, Médica y Técnica, 1981.
- FERGUSON, C.A. e FARWELL, C.B. Words and sounds in early language acquisition. *Language*, 51. pp. 419-439, 1975.
- NELSON, K. Structure and strategy in learning to talk, 1973. Cit. in: BATES, E., BRETHERTON, I. e SNYDER, L. *From first words to grammar*. Cambridge, CUP, 1988.
- . Individual differences in language development implications for development and language. *Development Psychology*, 17. pp. 170-187, 1981.
- PETERS, A. Language learning strategies: does the whole equal the sum of the parts? *Language*, 53. pp. 560-573, 1977.
- PETERS, A. *The units of language acquisition*. New York, Cambridge University Press, 1983.
- WELLS, G. Variation in child language. In: FLETCHER, P. e GARMAN, M. (eds.). *Language acquisition. Studies in first language development*. Fletcher, Cambridge, Cambridge University Press, 1986.